

# SEGUNDO CADERNO

SÁBADO 20.2.2016  
oglobo.com.br



**Influência.**  
Obras de Sophie Taeuber-Arp (à esquerda), Duchamp e Man Ray



**Palco.** Cabaret Voltaire: esquecido por décadas, espaço foi recuperado após invasão de artistas

# 100 ANOS DE CHOQUE

Berço do dadaísmo, o renovado Cabaret Voltaire, em Zurique, é o epicentro das comemorações pelo centenário do movimento, que incluem evento no Brasil, em setembro

**GUILHERME FREITAS**  
guilherme.freitas@oglobo.com.br

Na noite de 5 de fevereiro de 1916, um grupo de artistas refugiados da Primeira Guerra Mundial em Zurique, na Suíça, reuniu-se numa velha taverna e chocou a plateia com uma mescla caótica de dança, concerto, peça e sarau, pontuada por insultos ao público e uma expressão repetida aos berros: “Dadá! Dadá! Dadá!”. Nos meses seguintes, a taverna, rebatizada de Cabaret Voltaire, se tornou o epicentro do dadaísmo, movimento anárquico que expandiu o conceito de arte e alimentou a explosão de vanguardas pelo mundo na primeira metade do século XX.

Um século depois daqueles primeiros gritos, o renovado Cabaret Voltaire está no centro das celebrações pelo centenário do dadaísmo. Desde o início do mês, a casa promove 165 dias seguidos de festa, com mostras, performances, saraus e oficinas. Além disso, Zurique é palco de uma série de eventos organizados pela associação Dada100, que reúne o Cabaret e outras instituições locais. O carro-chefe são três exposições com obras dos principais artistas ligados ao movimento, desde o núcleo inicial, como o romeno Tristan Tzara, os alemães Hugo Ball e Hans Arp, e sua mulher, Sophie Taeuber-Arp, única suíça do grupo, até colaboradores como os franceses Marcel Duchamp e Francis Picabia e o americano Man Ray. A extensa programação internacional inclui um evento no Brasil, em setembro, em Goiânia.

— Um dos objetivos dessa celebração é lembrar a importância do Cabaret Voltaire e de Zurique para o movimento Dadá. Co-

mo ele logo se tornou global, o público internacional talvez não tenha essa dimensão — diz, por telefone, o curador suíço Juri Steiner, representante da Dada100. — Vemos nos textos da época que os próprios dadaístas se espantavam com o choque mental e artístico que estavam causando em Zurique.

Durante a Primeira Guerra, escreveu Hugo Ball, a pacata Zurique era “uma gaiola de pássaros cercada de leões rugindo”, espaço seguro para artistas exilados (em outro canto da cidade, longe dos gritos de Dadá, o irlandês James Joyce escrevia “Ulysses”). A temporada dadaísta no Cabaret Voltaire durou até meados de 1916. Em 1917, a ação se mudou para a Galeria Dadá e, com o fim da guerra, muitos deixaram o refúgio na Suíça e levaram as ideias do movimento para Paris, Berlim e Nova York. Nas décadas seguintes, a velha taverna abrigou um restaurante, um bingo e uma boate, até o edifício ser vendido, no início dos anos 2000, para virar um condomínio de luxo.

Em 2002, um grupo de artistas, intitulando-se “neodadaístas”, ocupou o edifício vazio, promoveu performances e exigiu a recuperação do Cabaret Voltaire. Em 2004, a prefeitura de Zurique arrendou o espaço, que voltou a

ser um centro cultural. Diante dos protestos de lideranças conservadoras, foi feito um plebiscito, em 2008, no qual 65% dos eleitores aprovaram o apoio ao Cabaret. Adotado pelo público que sempre quis chocar, o templo da subversão artística busca preservar seu passado e continuar atual.

— Trabalhar com o choque hoje é difícil. O mundo já é muito chocante, a política e a economia nos chocam o tempo todo. Acredito que a questão da arte hoje não é tanto o choque, e sim a resistência. Como criar resistências a esse cenário que nos choca? — diz, por telefone, Adrian Notz, diretor do Cabaret Voltaire.

Desde a reabertura, o Cabaret Voltaire promoveu performances como a que, em 2012, levou 15 pessoas vestidas de esfregão para “limpar” agências dos maiores bancos suíços, Credit Suisse e UBS, envolvidos em denúncias de corrupção. Neste ano, como parte das celebrações do centenário, os artistas suecos Carl Hausswloff e Leif Elggren, criadores do fictício Reino de Elgaland-Vargaland, foram convidados a anexar a Suíça, no que pode ser visto como uma crítica ao acirramento das fronteiras europeias na crise de refugiados. Mas nem tudo é protesto: outro evento planejado é uma missa de batismo para Lady Gaga, que Notz considera uma artista essencialmente dadaísta (ela ainda não confirmou presença).

Definir o que é “essencialmente dadaísta” tem sido um desafio para público e crítica desde a eclosão do movimento. Essa sempre foi a intenção de seus integrantes, que debochavam de ideias prontas sobre o que deveria ser a arte. Um deles, o alemão Johannes Baader, disse: “Nem mesmo os dadaístas sabem o que é Dadá; só o Super-Dadá sabe, mas ele não vai contar a ninguém”.

— Dadá não foi um estilo, foi uma síntese das vanguardas da época. Eles usavam tudo que estava à mão — diz Steiner.

Isso fica claro na diversidade das exposições que celebram o centenário em Zurique: “Obsessão Dadá”, no Cabaret Voltaire, “Dadá universal”, no Museu Nacional, e “Dadaglobo reconstruído”, no Museu das Artes. As mostras reúnem obras do núcleo de Zurique, como o “traje cubista” usado por Hugo Ball para declamar seus poemas guturais no Cabaret e pinturas de Hans Arp com influências de Picasso e Kandinsky. Também seguem o rastro dos “correspondentes internacionais” do movimento, com poemas e colagens dos surrealistas de Paris, como André Breton e Max Ernst, e trabalhos de artistas radicados em Nova York, como fotografias de Man Ray, pinturas de Francis Picabia e *ready-mades* de Marcel Duchamp, incluindo o mais célebre de todos, o urinol exposto em 1917, invertido, com o título “Fonte”.

## GOIÂNIA, CAPITAL DADAÍSTA

Assim como as ideias do movimento, as exposições vão viajar pelo mundo. Londres vai sediar uma ocupação Dadá em maio. “Dadaglobo reconstruído” vai para o MoMA, em Nova York, em junho. O Brasil entra no circuito com o projeto “springDADAspring”, uma colaboração entre o Cabaret Voltaire e artistas do coletivo de performances Grupo Empreza.

Dois integrantes do coletivo, Rafael Abdala e Babidu Barboza, e a artista Jessica Goes vão participar em maio de uma residência no Cabaret Voltaire. Depois, entre 23 de setembro e 9 de outubro, eles e o Grupo Empreza vão receber Adrian Notz e artistas estrangeiros em Goiânia para uma série de eventos. A cidade verá a exposição “Dadá itinerante”, com documentos históricos e material sobre o movimento em texto, vídeo e áudio. Além disso, o Cabaret Voltaire Goiânia, mantido há anos por Babidu em sua casa, será palco de performances, intervenções, saraus e uma mostra coletiva. Notz vai consagrar o espaço como “sede oficial do Dadá no Brasil”.

— O projeto segue a ideia de colaboração entre as várias linguagens das artes, que os dadaístas promoveram tanto. Isso permite não só retomar discussões do início do século passado, mas também abrir espaço para novas discussões — diz Rafael Abdala.

Para Notz, o dadaísmo pode despertar interesse renovado no público hoje porque “vivemos uma situação análoga à de 1916”:

— O mundo está em guerra, as pessoas estão transtornadas pelas transformações tecnológicas e há um fatalismo econômico parecido com o que Hugo Ball descrevia — diz Notz, lembrando um texto de Ball: “existe alguma força poderosa o suficiente e, acima de tudo, vital o suficiente para dar fim a essa situação?”. — Dadá nos mostrou que, se o mundo é grotesco e absurdo, devemos ser mais humanos. ●